

N.º 136

CETOSE = FALTA DE ENERGIA

A cetose (ou acetonémia) sub-clínica é um fenómeno frequente na vaca leiteira de alta produção. Raras vezes é detectada, já que os seus sinais clínicos são muito discretos. No entanto, a factura a pagar pode ser extremamente elevada.

As vacas que sofrem de cetose dão menos leite. Têm maior irregularidade nos ciclos, e regra geral são inseminadas mais tarde (e mais vezes) para obter uma gestação. Nestas vacas, os ciclos silenciosos são mais frequentes, bem como os quistos ovários apresentam uma maior prevalência. Esta condição também determina percentagens de incidência superiores de infeções do aparelho reprodutor bem como torções do abomaso.

A cetose é uma alteração metabólica que ocorre quando as necessidades energéticas da vaca não são cobertas. Assim, e após o esgotamento das reservas corporais, os “corpos cetónicos” (compostos como o ácido betahidroxibutírico, o ácido acético e a acetona, entre outros) aparecem em grande quantidade no sangue, urina e leite. Outras situações patológicas podem condicionar o aparecimento de cetose. Casos de mamite, metrite, febre vitular, problemas de patas, ou qualquer problema associado à falta de actividade ou apetite da vaca. A cetose ocorre com maior frequência sob a forma sub-clínica. Ainda que mais discreta, é mais difícil de combater.

Uma situação de cetose ligeira tem pelo menos um custo de 50 €, calculado a partir da baixa de produção, em associação ao aumento do intervalo entre o parto e a inseminação fecundante seguinte. Globalmente estima-se que cerca de 40% das vacas de uma exploração podem desenvolver quadros de cetose sub-clínica, enquanto que a cetose clínica ocorre em média em 5% das vacas. Individualmente uma vaca com um problema clínico é responsável por um prejuízo superior. No entanto, pela percentagem de ocorrência, dificuldade de diagnóstico e à semelhança do que acontece por exemplo com a mamite, a cetose sub-clínica tem efeitos muito mais desastrosos numa exploração.

A maior parte das cetoses sub-clínicas ocorrem durante os dois primeiros meses de lactação, com maior incidência nos 15 dias imediatamente a seguir do parto. A doença prolonga-se normalmente por alguns dias, mas sendo raro que persista até várias semanas. O diagnóstico pode e deve ser feito na exploração, através de uma análise de leite ou de urina. Este procedimento é simples, rápido e deve entrar na rotina da exploração, com especial atenção às vacas recém-paridas.

Todos os episódios de cetose devem ser tratados com precocidade. Deve-se começar pelo alimento, através da suplementação com um produto energético à base de propilenoglicol ou propionato de sódio. Estas medidas nem sempre têm sucesso, já que estamos a administrar um produto medicamentoso por via alimentar em animais com falta de apetite. Em alternativa e para os animais que não ingerem as quantidades de alimento suficientes, podem ser administrados comprimidos energéticos ou soluções parenterais volumosas.

O combate às situações de cetose faz-se através de uma profilaxia correcta, nomeadamente pela boa preparação para o parto, e ingestão de um alimento adaptado ao nível de produção esperado. É essencial controlar o estado das vacas durante as diferentes fases produtivas (nem gordas nem magras), tentando sempre minimizar os efeitos da fase de balanço energético negativo. Se esses objectivos forem alcançados, os riscos de cetose são francamente minimizados.

Adaptado de: *PLM – Production Laitiere Moderne*, N.º 316, Setembro 2001

Aveiras de Cima, 11 de Dezembro de 2001
SERVIÇOS TÉCNICOS

SN/GV

2/ 2